

O DESCOBRIDOR E REDESCOBRIDOR DO BRASIL NOS ANOS DE 1930

ANÁLISE DA VISÃO DE GILBERTO FREYRE E SÉRGIO B. DE HOLANDA

Juliany Helen das Graças Pinto⁸⁰

RESUMO

Este artigo pretende compreender o que foi o Brasil nos anos de 1930 através dos textos clássicos de Gilberto Freyre e Sergio Buarque de Holanda. Para tanto, primeiro será apresentada a biografia e as principais influências teóricas dos autores; em seguida, um resumo dos principais objetivos de “Casa Grande e Senzala” e “Raízes do Brasil”; por último, quais as semelhanças e diferenças da tese defendida pelos intelectuais. Por meio desta análise será possível certificar que Freyre tinha uma visão contemplativa do Brasil ao contrário de Holanda que possuía uma visão propositiva.

Palavras-chave: Gilberto Freyre. Sérgio Buarque De Holanda. Pensamento Social Brasileiro.

ABSTRACT

This article intends to understand what was Brazil in the 1930s through the classic texts of Gilberto Freyre e Sergio Buarque de Holanda. To do so, first their biographies will be presented just as their main theoretical influences, and then a summary of the main goals of “Casa Grande e Senzala” and “Raízes do Brasil”. lastly, will be shown which are the similarities and differences of the thesis defended by intellectuals. Through this analysis it will be possible to make sure that Freyre had a contemplative view of Brazil, unlike Holanda, who had a propositive vision.

Key-words: Gilberto Freyre. Sérgio Buarque De Holanda. Brazilian Social Thought.

INTRODUÇÃO

80 Estudante da graduação de Ciências Sociais na Universidade Federal do Paraná e membro do Núcleo de Estudos e Pesquisa de Relações Internacionais (NEPRI-UFPR). Contato: julianyhelen@ufpr.br

Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda são considerados, por José Reis (2001), o Descobridor e o Redescobridor do Brasil, respectivamente⁸¹. Em função disso, pretende-se compreender com mais afinco qual é a visão destes intelectuais em relação ao Brasil nos anos 1930.

Para tanto, o artigo está dividido em três partes. Na primeira, será exposta a biografia de Freyre e Holanda, além das principais influências teóricas dos mesmos. Na segunda, os principais objetivos das obras clássicas “Casa Grande e Senzala” e “Raízes do Brasil” serão resumidas. Na terceira e última parte serão identificadas as aproximações e distanciamentos das teses defendidas por cada um dos autores aqui tratados. Por intermédio desta análise, será possível inferir que a visão sobre o que era o Brasil na década de 30 para Freyre era contemplativa, de maneira oposta à Holanda, que tinha uma visão mais propositiva.

Com efeito, a importância de abordar este tema é trazer para o debate acadêmico dois clássicos da sociologia brasileira de modo não desfavorável, ou seja, não afirmar que um autor é melhor que o outro, mas sim expor quais os pensamentos de cada um dentro de seus contextos pessoais e intelectuais. À vista disso, considerar a importância de Freyre e Holanda no momento em que escreveram e sobre o que colaboraram.

1 VIDA DE GILBERTO FREYRE E SERGIO BUARQUE DE HOLANDA: COM MUITAS IDAS E VINDAS⁸²

O percurso de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda foi mudado por diversas vezes ao longo do tempo, nesta seção o objetivo é apresentar em síntese quais foram estas mudanças e quais as consequências delas.

81 No desenvolvimento da segunda seção será exposto com mais detalhes este atributo dado aos intelectuais.

82 No sentido de existir muitas mudanças na vida de cada um dos autores. Mudanças de território inclusive, com isso, os autores puderam ter experiências intelectuais estrangeiras para formar a própria opinião a respeito do Brasil.

Gilberto de Melo Freyre nasceu em 1900 na cidade de Recife. Fez sua carreira acadêmica em artes plásticas, jornalismo, *designer* e letras, embora não tenha cursado todas estas graduações, tinha conhecimento de todas elas. Estudou Ciências Sociais e Artes nos Estados Unidos, onde foi convidado a se naturalizar norte-americano, não aceitou. Retornou a sua cidade natal em 1924, porém voltou aos Estados Unidos depois de 1930 onde lecionou na Universidade de Stanford, logo depois viajou para a Europa.

Em 1932 voltou ao Brasil, para o Rio de Janeiro, local em que escreveu sua obra “Casa grande e Senzala”. Freyre não pode ser considerado exclusivamente um sociólogo, um historiador ou um antropólogo, pois em sua obra há resquícios dessas três grandes áreas.

Na história desse intelectual podemos anexar uma parcela da visão de Varnhagen⁸³, que foi de um patriotismo parcial e unilateral. O Brasil colonial, cheio de relações de exploração, conflito e divisão foi visto por Varnhagen como uma nação unida. Era um historiador oficial, abordando sempre o lado desejado pelos governantes, uma visão unilateral e hierárquica a respeito da cultura indígena. Para ele, os hábitos desenvolvidos, as crenças respeitadas e a organização estabelecida nas aldeias eram inferiores aos chamados “hábitos civilizados” dos portugueses. (REIS, 2001).

Freyre é considerado um “Neo-varnhageniano”, com prefixo *neo*, pois não tem todas as características de Varnhagen, porém, este foi o primeiro a escrever uma história bem documentada e fundamentada e foi isso que Freyre herdou daquele autor. José Reis tem uma enorme afeição por Freyre, nota-se isso no início do capítulo destinado à Freyre: “(...) Neo-varnhageniano, Conservador e... Genial!” (REIS, pág 51, 2001)

83 Este estava ligado ao Instituto de História e Geografia do Brasil (IHGB), um órgão financiado pelo governo central, com o objetivo de criar uma história do Brasil que mostrasse o país como uma extensão da civilização europeia na América. Assim, a presença europeia deveria ser ressaltada, enquanto que negros e índios estariam excluídos das menções históricas. O trabalho do autor inicia-se após a independência do Brasil, um momento no qual o país estava recém-formado, sem unidade, identidade nacional ou história nacional. Varnhagen é o historiador incumbido de desenhar uma história para a nação, traçando assim também um perfil para o país.

Quando Freyre estava na Europa, sentia receio por não ter com quem conversar sobre Kant, Pascal, Spencer, Hegel, Nietzsche, Schopenhauer, Marx, Spinoza, Bergson, James, entre outros (REIS,2001). Desde sua adolescência admirava Herbert Spencer e até dizia que ele superava Karl Marx, apesar deste último também fazer parte dos intelectuais aos quais acreditava. Spencer foi um pensador de tendência positivista, mas rompeu com a postura científica fechada, soberana.

Freyre assimilou a postura conciliatória de Spencer. Desejava ver a realidade social, e particularmente o Brasil, pela lente conciliatória. Por isso, admirava a relatividade teórica e metodológica presente no pensamento de Spencer. Esta relatividade não deve ser confundida com o relativismo exacerbado que tudo aceita ou com o ceticismo que apregoa a impossibilidade de toda certeza (COELHO, 2007, p. 37).

Com efeito, Freyre não pode ser considerado nem um sociólogo muito menos um antropólogo, pois teve influências das mais variadas. Portanto, este intelectual deve ser enquadrado na ótica do Pensamento Social Brasileiro, ele pensou e escreveu sobre o nosso Brasil sob várias perspectivas.

Além de escrever e ler muito, Gilberto foi Deputado Federal pela União Democrática Nacional em 1946; em 1942 foi preso por denunciar ações de nazistas e racistas do Brasil; em 1954 apresentou suas ideias a respeito dos conflitos raciais na Assembleia Geral das Nações Unidas; recebeu o título de Sir - Cavaleiro do Império Britânico pela Rainha Elizabeth. (Prefeitura de São Paulo)

Este intelectual viajou o mundo e absorveu influências por onde passou para então ter sua concepção do que foi o Brasil⁸⁴ e como deveria ser o Brasil em sua obra-prima “Casa Grande e Senzala”, deixando o mundo acadêmico em 1986 quando faleceu.

Dois anos após Freyre nascer, um novo e estimado intelectual nasceu em São Paulo: Sérgio Buarque de Holanda da Cunha. Como influência acadêmica teve seu pai, professor universitário, como grande inspiração. Holanda estudou em escolas da cidade de São Paulo, mudou-se para o Rio de Janeiro e a Faculdade

84 A explicação da relação do povo brasileiro como reflexo da Casa Grande será feita na próxima seção

de Direito na Universidade do RJ foi cursada E, depois, concluída em 1925. (Prefeitura de São Paulo).

Ele, além de carregar o título de “explicador do Brasil”, possuiu diversas atribuições, podemos citar que Holanda foi jornalista, professor na Universidade do Distrito Federal, professor convidado em Universidades da Europa, América Latina e EUA, historiador, missionário cultural da ONU, sociólogo, burocrata e, não menos importante, foi também um boêmio conhecido das rodas de samba e amigo dos mais expoentes poetas brasileiros, dentre eles Vinicius de Moraes.

Como jornalista teve um percurso, também, internacional, trabalhou em Berlim no final da década de 20 e só voltou ao Brasil no começo dos anos 30, mas isso não impediu o autor de se dedicar a outras atividades, pois já em 1936 sua obra-prima "Raízes do Brasil" fora publicada pela primeira vez.

Com a repercussão de Raízes do Brasil, S.B.H. foi convidado a dar aulas em algumas Universidades dos Estados Unidos e de lá só voltou em 1946, quando em São Paulo assumiu a direção do Museu Paulista. Em 1958, depois de passar lecionando na Itália alguns anos, ele assumiu a cadeira de História da Civilização Brasileira, já na Universidade de São Paulo, onde em 1962 tornou-se presidente do Instituto de Estudos Brasileiros da USP.

O intelectual faz parte de uma geração que já teve acesso a especializações e estudos no campo da história e mesmo nas ciências ditas sociais, por isso, não é um historiador amador como Varnhagen. Holanda é um profissional com textos de personalidade própria, mas que teve influência teórica, principalmente, de Weber e Simmel e também de Marx e Boas, este último explicitamente quando defende o particularismo histórico de cada nação para construção de sua história única.

O autor se dizia moldado por tantas influências que não só as das instituições educacionais que passou, que podemos dizer que ele é um fruto único de tantos encontros, formais e informais de contribuições eruditas que teve ao longo de sua vida. Embora reforçemos que apesar de não citar Weber, Simmel, Cohl e Dilthey, todos estes são muito presentes em sua metodologia. Sergio

utilizou também diversos relatos de viajantes como fonte para formular sua nova teoria até 1982, quando faleceu.

Sergio Buarque de Holanda foi um decifrador de nossa terra, decifrador este que não mede as palavras para criticar acidamente nossos problemas, mas sempre crendo que tomadas as devidas medidas de corrigir o passado para garantir o futuro, “esta terra ainda vai cumprir seu ideal”⁸⁵ de não mais desejar ser um “imenso Portugal”, parafraseando seu filho Chico Buarque.

2 PENSAMENTOS E OBJETIVOS POR TRÁS DAS OBRAS: “CASA GRANDE E SENZALA” E “RAÍZES DO BRASIL”

Depois de influências do exterior Freyre desenvolve, no Rio de Janeiro, o livro “Casa Grande e Senzala” que foi publicado em dezembro de 1933. Em função desta obra, Freyre é um dos mais importantes e criticados autores, em especial por Roger Bastide, Florestan Fernandes e outros que não acreditam na democracia racial. É Freyre que funda a ideia e tenta falar de cultura e não de raça.

Segundo Freyre, para a formação da identidade nacional quase não houve conflito entre as três raças, ou seja, houve, e há, harmonia entre elas.

A modernização não deve apagar o que houve no passado, ou seja, a modernidade deve conter resquícios dos anos anteriores. Freyre veio de uma família aristocrática e isso pode explicar o porquê da visão de que é o Senhor (de terras) que rege o Brasil e não o Estado, por isso este último não está interessado nos problemas da nação. Em consequência, o intelectual prefere não romper com o passado.

As duas palavras de extrema importância na obra de Freyre são **mestiçagem e raça**. Para explicar o Brasil, se deve olhar para a Casa Grande e será constatado que é esse sistema que congrega tudo - a Casa Grande agrega o sistema econômico, social, religioso, além de constatar o clima da região e muito mais; aquela é a que existe para a contribuição harmoniosa entre as três raças: “A

85 Para ver letra da música completa visitar sítio: <http://letras.mus.br/chico-buarque/71165/>

miscigenação que largamente se praticou aqui, corrigiu a distância social que de outro modo se teria conservado enorme entre a Casa Grande e a Senzala” (Freyre, 2004)

Com isso, olhar para a Casa Grande é entender o Brasil. Freyre também considerava que a escravidão tinha sido benéfica, pois, com isso, as três raças ficaram juntas num mesmo país.

Freyre desprezou as categorias de análise histórica; não apresenta uma cronologia clara; seus recortes são temáticos; suas fontes são fracas e inexistentes. Esta última crítica é retirada por Reis (2001) quando este compara Freyre a Varnhagen, que foi o primeiro historiador a fazer uma história bem documentada.

O título deste artigo (o Descobridor e o Redescobridor do Brasil nos anos de 1930) expressa a divisão que José Reis fez em seu livro “Identidades do Brasil”. Há os Descobridores do Brasil, aqueles que não querem romper com o passado - acreditam que a continuidade é a melhor opção -, em oposição aos Redescobridores que querem romper com o passado e reescrever a história do Brasil, ou seja, aprender com os erros do passado e não repeti-los.

Em continuação se versará sobre a obra de um dos Redescobridores do Brasil mais importantes, Sergio Buarque de Holanda com sua obra “Raízes do Brasil”.

Segundo Holanda, os portugueses tentaram recriar, em terras brasileiras, a sua origem. A eles coube também a implantação do regime da exploração latifundiária adotada, onde a presença do negro foi fator obrigatório para o desenvolvimento dos latifúndios coloniais.

Os colonizadores do Brasil buscavam por aqui a riqueza sem sacrifício, ou seja, riqueza a custo da sua ousadia e do trabalho escravo. Entretanto, a agricultura não era tão levada a sério por Portugal, pois não trazia o gênio aventureiro, era uma atividade que exigia tempo para perceber os efeitos benéficos, além de haver uma escassez da população - o que não permitia uma

emigração de trabalhadores rurais em larga escala. Além disso, a vegetação florestal dificultava o trabalho agrícola.

Sérgio Buarque de Holanda compara o fato de que em Portugal também há uma grande parcela da população que é constituída por “homens de cor” – escravos e escravas – tal qual no Brasil e muito das características atribuídas aos nossos indígenas – intemperança, ociosidade diante qualquer esforço disciplinado, etc. – são hoje comuns aos tradicionais padrões de vida de classes nobres.

A obra é de um valor histórico-social inestimável e nos permite, junto com outras, como Casa Grande & Senzala, de Gilberto Freyre, ter uma visão geral do processo de colonização do nosso país e da formação da sociedade e da mentalidade brasileira. Raízes do Brasil é uma nova interpretação do processo civilizatório de nosso país e uma crítica provocadora da nossa formação histórica, já que Holanda não acreditava na continuidade de um Brasil-português e se coloca como um redescobridor que propõe um romper, saudável por hora, com o passado, um passado reformulado para que os brasileiros possam compreender como não deverão construir seu futuro.

“Para inventar um futuro é preciso saber quem somos e gostar do que somos e, para isso, será preciso reconhecer nossas raízes ibéricas. A construção de uma sociedade nova exige a adequação do pensamento à realidade, esta adequação pressupõe um reencontro com a nossa história. É o que ele (S.B.H.) fará: para pensar o que o Brasil deveria ser, ele discutirá o que somos, de onde viemos, de que espírito fomos feitos. E quando o pensamento encontra a realidade, o diagnóstico é simples e duro: somos *neoportugueses*.⁸⁶” (REIS, pág: 123, 2001).

3 APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS DOS INTELLECTUAIS – À GUIA DE CONCLUSÃO

Gilberto Freyre foi considerado um “neovarnhageniano”, conservador e genial. Este não pode ser considerado nem um historiador, nem um sociólogo, ele está num período com especificações, mas ao contrário de Sergio Buarque de Holanda não pode ser considerado um historiador.

86 “Eis o que significa ser *neoportuguês*: Os brasileiros agem de forma mais aventureira do que como trabalhadores” (REIS, pág.127, 2001).

Por quê “neovarnhageniano”? Ele faz um relogio a colonização portuguesa e S.B.H. se aproxima mais do Capistrano de Abreu⁸⁷ por se esforçar em “redescobrir o Brasil”.

“Nos anos 1930 a realidade brasileira nua e crua tornou-se a questão chave de um pensamento brasileiro que se quer puro e duro. Todos os intelectuais querem decifrar o enigma do Brasil e interferir na produção de seu futuro.” (REIS, pág. 117,2001)

Freyre tinha um olhar senhorial, tinha um sentido psicológico e acreditava que tudo poderia ser explicado pelo encontro das raças que acontecia na Casa Grande. Ambos acreditavam na cultura (em função da influência de Franz Boas) como explicação do Brasil, ou seja, a relação/interação de diversas culturas constituiria a Nação. A cultura brasileira para o Sergio Buarque é muito portuguesa, a mudança que ele propõe é cultural, em outras palavras, não adianta mudar a política porque a cultura continuará sempre a mesma.

As principais interpretações do Brasil moderno nos anos 30 tinham uma compreensão mais exata do país: analisam a vocação agrária e as possibilidades da industrialização, as relações entre a burguesia brasileira e o capitalismo associado, o civilismo e o militarismo, a democracia e o autoritarismo, as religiões e a nação, a formação do povo e a multiplicidade racial, a modernidade e a tradição. (REIS, pág. 118, 2001)

Neste trecho fica bem claro o que estava ocorrendo nos anos de 1930 e conseqüentemente o que Freyre e Holanda estavam pensando ao escrever suas obras.

Para demonstrar a diferença conceitual de Holanda e Freyre podemos aludir à maneira como cada um tratou a alimentação, ou melhor, a mudança de alimentação do português quando chegou ao Brasil. Freyre afirma que “o português no Brasil teve de mudar quase radicalmente o seu sistema de alimentação, cuja base se deslocou, com sensível déficit, do trigo para mandioca”.(Freyre, p. 14, 2004). Ao contrário daquele que diz "onde lhe faltasse o

87 Segundo Reis, Capistrano de Abreu também pode ser considerado um redescobridor do Brasil, por sua capacidade de inovar e mudar a escrita da História. Esta, antes, era escrita através do olhar português, com Capistrano o olhar foi do povo que habitava o Brasil – os índios. Para saber mais sobre a visão de Capistrano, indico a leitura de sua obra intitulada como “Capítulos da história Colonial” e o capítulo dedicado a este autor no livro “Identidades do Brasil” de José Carlos Reis.

pão de trigo, aprendia a comer o da terra, e com tal requinte, que a gente de tratamento só consumia farinha de mandioca fresca, feita no dia".(Holanda, 2008).

Os dois intelectuais tratados neste artigo têm algumas diferenças em função das divergências de cunho pessoal e em consequência destas há os distanciamentos conceituais por terem tido influências diferentes. Entretanto, analisam o mesmo período histórico de um mesmo país, ou seja, há também algumas aproximações. Sergio de Holanda, por exemplo, tem duas linhas de argumentação, sendo uma destinada ao nosso tradicionalismo e a outra para nossa revolução, assim como Freyre que “vê a história pelos seus inúmeros lados (...)” (REIS, 2001, p.55). Além de que ambos os autores não veem a miscigenação como algo prejudicial à “raça” brasileira.

À vista disso⁸⁸, a visão que Freyre tinha do Brasil era contemplativa ao contrário de Holanda que tinha uma visão mais propositiva do que estava ocorrendo em 1930 e as heranças de Portugal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERTEAU, Michel de. A Operação historiográfica. In: CERTAUT, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária. 1982.

COELHO, Claudio Marcio. **Gilberto Freyre**: indiciarismo, emoção e política na casa-grande e na senzala. 2007. Disponível em: <http://nei.ufes.br/sites/nei.ufes.br/files/Gilberto%20Freyre.%20Indiciarismo,%20emoção%20e%20política%20na%20casa-grande%20e%20na%20senzala.pdf>. Acessado em: 18/03/2013.

DIAS, Maria O. L. da Silva. **Política e Sociedade na Obra de Sérgio Buarque de Holanda**. In: CANDIDO, Antônio (Org.). Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Perseu Abramo, 1998.

88 O objetivo deste artigo não foi a de fazer uma longa revisão das obras e conceitos específicos de Freyre e Holanda, para quem tiver o interesse de saber mais sobre as aproximações e distanciamentos dos textos e conceitos escritos, recomendo a leitura do artigo escrito por Karoline Biscardi Santos, disponível em: <http://revistatempodeconquista.com.br/documents/RTC2/KAROLINEBISCARDI1.pdf>

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Sérgio Buarque de Holanda na USP**. 1994, vol.8, n.22, pp. 269-274. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141994000300033>>. Acessado em 18/03/2013

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 49ª Ed. São Paulo: Global, 2004.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Companhia das Letras, São Paulo. 2008.

HOLLANDA, ANA. Raízes do Brasil: **Documentário**. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=etUEsguoUx4>>. Acessado em 17/03/2013

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Biografia de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda**. Disponível em: <<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/>>. Acessado em 15/10/2013.

REIS, José Carlos. “Anos 1930: Gilberto Freyre” e “Anos 1930: Sérgio Buarque de Holanda”. In: REIS, José Carlos. In: **As identidades do Brasil**: de Varnhagen a FHC. Rio de Janeiro: FGV, 2001.